

Delfim 'sonda' os bancos europeus

13 DEZ 1984 ESTADO DE SÃO PAULO

ROBERT APPY
Enviado especial

divida externa



LONDRES — O ministro do Planejamento, Delfim Netto, parece ter feito uma viagem de despedida à Europa, onde pretende voltar como **free-lancer**, no ano que vem, para acertar serviços de consultoria que oferecerá em São Paulo antes de tentar uma carreira política, mas desta vez como membro do Congresso. Ainda assim, o ministro procurou sondar alguns bancos para saber como serão recebidas as propostas de renegociação da dívida, a ser iniciada em Nova York no próximo dia 17.

“Precisamos em primeiro lugar limpar terreno, isto é, resolver o problema com o Fundo Monetário Internacional”, disse ele. O ministro foi muito discreto em relação a seu encontro com Jacques de Larosière, diretor-gerente do FMI. Mas seu otimismo parece indicar que conseguiu uma solução política

para os empecilhos que existem quanto ao texto definitivo da 7ª carta de intenções.

O compromisso relacionado ao déficit público, que na realidade se transforma em superávit em termos operacionais, será compatível com um controle da expansão monetária em 60% no próximo ano. Trata-se de uma expansão potencialmente realista que, de qualquer maneira, dependerá da política econômica do novo governo.

LINHAS DEFINIDAS

Tudo indica que as grandes linhas do programa de renegociação da dívida externa estão definidas. Em suas bases, existe o modelo mexicano: acordó plurianual de 14 anos, carência de cinco anos, e **spread** (taxa de risco) de 1,12%. O Brasil quer um prazo ligeiramente maior para o acordo. Os bancos londrinos admitem que isso é possível, mas não estão seguros. Os bancos regionais de outros países não aceitam a renegociação plurianual antes de conhecer os compromissos do novo governo.

O governo brasileiro queria um prazo de carência superior ao do México, mas ele poderá ser inferior. Quanto ao **spread**, o Brasil enfrentará uma dura

batalha e não deverá obter taxas iguais às que foram concedidas ao México.

Os banqueiros da City têm a impressão de que existe um acordo tácito entre a atual administração e Tancredo Neves para resolver, antes da posse do futuro governo, o problema da dívida (carta de intenções ao FMI e acordo com os credores). Tancredo não gostaria, segundo os banqueiros, de resolver tais questões no início do governo.

Não existe, entre os banqueiros, preocupação em relação ao futuro governo: “Na Europa — afirmou um deles — estamos acostumados a cooperar com governos socialistas e Tancredo não é socialista”. O que os banqueiros esperam é que o controle monetário não seja abandonado e que o câmbio continue realista.

Certamente, Delfim limitou seus contatos em Londres a poucos bancos, mas teria ouvido a mesma opinião, o que parece confirmado diante do seu otimismo. Ele prolongou sua viagem até a França, onde foi embaixador, e em seguida voltará ao Brasil, onde a comissão de assessoramento de Tancredo o espera para receber as informações oficiais sobre os programas do governo.